

A ESCOLA COMO BASE DE DOMINAÇÃO E RESISTÊNCIA

Ana Karoline BARBOSA¹

RESUMO

Partindo de reflexões sobre Educação e Liberdade, com base em autores como Michel Foucault, Paulo Freire e Luís Felipe Miguel proponho categorizar e analisar os *letterings* produzidos por estudantes do segundo ano do ensino médio da escola de tempo integral Estadual Manoel Leite Carneiro localizada em Belém do Pará. Este artigo se construiu com base na oficina realizada no segundo semestre de 2018 e procura identificar quais discursos são recorrentes nas produções dessas alunas e alunos e de que forma isso desvela processos de dominação e resistência que vivenciam. Nessa análise foi possível observar um ponto em comum em que o tema educação pode ser visto, dependendo da construção da frase, como dominação ou resistência retratados pelos estudantes. O cotidiano foi representado em forma de *lettering* sendo possível observar como a escola tem potencial para docilizar assim como para libertar e o quanto as resistências cotidianas estão presentes nos discursos desses jovens moradores, em sua grande parte, da periferia de Belém.

PALAVRAS-CHAVE: educação; comunicação; dominação; resistência; relações de poder.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação vez ou outra se torna pauta recorrente entre o cenário parlamentar, basta lembrar, por exemplo, do grande debate que surgiu no último período eleitoral sobre o projeto “Escola sem partido”, o movimento que surgiu em 2004 com o advogado Miguel Nagib, e tinha como objetivo impedir uma suposta “doutrinação ideológica” dos professores, para que eles não pudessem debater assuntos polêmicos com a expressão de opiniões pessoais em sala, assim com não estimular a participação política do estudantes. De 2004 até hoje, vários projetos surgiram a níveis municipais, estaduais e a nível federal com o mesmo objetivo. O

¹ Graduada em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Estácio do Pará e Mestranda no programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: ana_karolinefigueiredo@hotmail.com

assunto voltou a ganhar grande repercussão nas últimas eleições presidenciais devido a polarização que o Brasil viveu e ainda vive.

Alguns aspectos se tornam centrais para qualquer governo: Educação, Saúde e Segurança, por exemplo. Isso se dá pelo fato de que essas bases, são também dispositivos disciplinares da sociedade. O foco desse artigo se mantém em um dispositivo específico: a escola. Para melhor ilustrar como a escola pode ser um dispositivo disciplinar gostaria de propor uma breve reflexão pessoal: grande parte da sociedade brasileira carrega sua experiência afetiva quando estudava no ensino fundamental ou médio. É possível construir na memória sua sala de aula, o uniforme, as cadeiras, o quadro, os colegas que marcaram seu tempo no colegial e até pensar em um professor para compor esse cenário, talvez seja um bom professor que causou uma certa nostalgia pelo bom trabalho ou talvez seja um professor muito rigoroso e que era julgado ser ruim. A questão é que existe um certo padrão formado do que pensamos ser a escola. Elementos que a constroem em nossa mente a partir de experiências pessoais e do que “sabemos” ser o ambiente escolar.

Todos esses elementos formados em nossas mentes constroem visão Foucaultiana desse ambiente. Para compreender melhor basta pensar em como as cadeiras são arrumadas na sala de aula tradicional, a organização permite que o professor possa ter uma visão clara dos alunos e assim vigiá-los para corresponderem ao padrão estabelecido pela escola. Para o pensador francês o ambiente escolar é um dispositivo disciplinar capaz de criar maneira política de apropriação do discurso. Discurso esse estabelecido socialmente para construir padrões de comportamento. Para Foucault o dispositivo terá como característica essencial ser

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos... [e entre estes] existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes, [cuja finalidade] é responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 2015, p.364)

A escola como dispositivo então controla, vigia e disciplina para tornar o sujeito útil para aqueles que dominam. Formando os alunos para um mercado de trabalho, para atuar funcionalmente a serviço de um sistema. A partir deste entendimento e da necessidade de

práticas de rupturas no cotidiano escolar disciplinar, surge o “Tô ligado”² projeto criado pela autora em 2017, e teve como objetivo ampliar a capacidade de expressão subjetiva e assim desenvolver o espírito crítico quanto aos meios de comunicação, fortalecendo o ecossistema comunicativo através da utilização criativa das ferramentas comunicacionais como web rádio, audiovisual, web jornal e fotografia, *fanzine* e *lettering* para potencializar o processo educacional. O projeto utilizava ferramentas como produção de textos, imagens e desenvolvimento da leitura crítica da mídia, a partir das técnicas da comunicação, capacitando através de oficinas, ministradas por voluntários profissionais e estudantes da área de comunicação.

É preciso entender que o processo educacional sofreu abalos principalmente quando se fala nas fontes de informação, antes os livros e os professores eram referência quando se queria saber algo sobre determinado assunto, hoje com alguns cliques é possível descobrir quase tudo sobre qualquer coisa. Para Martha Gabriel “apesar de os estudantes terem tudo a disposição saber como articular e validar requer aprendizado.” (2014, p. 104)

O foco dessa análise se dá no material produzido pelos alunos que participaram da oficina realizada visto que as frases e desenhos foi de livre escolha deles. E que essa construção é uma representação da visão deles de mundo. A oficina de *Lettering* ocorreu no dia 5 de junho de 2018 na escola estadual de ensino médio integral Manoel Leite Carneiro, localizada no bairro do Tenoné, uma área periférica de Belém e foi realizada dentro do projeto Tô Ligado reunindo alunas e alunos do segundo ano do ensino médio durante uma tarde inteira, foram 58 estudantes da rede pública de ensino que aprenderam sobre como construir *letterings*³ com a voluntária, professora de comunicação e moda, Milena Castro⁴, que demonstrou técnicas de desenho, noções de construção de espaço e imagem.

Como uma alternativa para estimular as alunas e os alunos a entender e exercer seu papel como sujeitos, se percebendo então como parte do processo de construção da

² O projeto “Tô ligado!”, foi realizado nas Escolas Estaduais Manuel Leite Carneiro e Ruth dos Santos Almeida, Belém, Amazônia, como alternativa para estimular os alunos a entenderem e exercerem seu papel como cidadãos, se percebendo como parte do processo de construção da comunidade escolar. Para o desenvolvimento dele foi realizada uma pesquisa sobre a participação dos alunos no ciberespaço e oficinas para o desenvolvimento dos interesses e habilidades dos estudantes. Tendo como base estudos de pesquisadores da Educação, como Ismar Soares, da Comunicação como Jesús Marín-Barbero e Cibercultura, como Pierre Lévy e Martha Gabriel, o projeto foi finalizado em 2018 com o final da minha graduação e minha saída da secretaria de Educação do Estado do Pará.

³ O *lettering* pode ser definido como uma combinação de letras trabalhadas e na maioria das vezes, desenhado à mão.

⁴ Atualmente professora dos cursos de Design de Moda e Design Gráfico da Faculdade Estácio do Pará, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Unama e tecnologia em Design de Moda pela Estácio com especialista em Expressão Gráfica pela PUCRS e Mestre em Linguagem, Comunicação e Cultura pela Unama.

comunidade escolar. Sujeito esse que é constituído a partir de sua construção histórica e possui liberdade para tal. Para Foucault (1994) o sujeito não um indivíduo passivo, ele é central nas relações de poder e por essa razão precisa se tornar consciente desse seu lugar

O projeto teve como objetivo colocar os meios de informação a serviço dos interesses e necessidades da comunidade escolar, procurando influenciar o direito à livre expressão como forma de estimular a visão crítica e fomentar o que podemos chamar de ecossistemas comunicativos abertos e criativos. A oficina poderia se tornar uma ferramenta que possibilitasse a expansão de horizontes incentivando uma mudança de comportamento. Visto que passamos de “uma sociedade com sistema educativo para uma sociedade do conhecimento e aprendizagem contínua” (BARBERO, 2014, p 121). No contexto tecnológico atual, os jovens expandem, se manifestam e se constroem nesses espaços fluidos.

Então desenvolver aos jovens espaços nos quais possam se manifestar estimulando práticas de cidadania é o único modo pelo qual uma instituição educativa, cada vez mais pobre de recursos simbólicos e econômicos, pode reconstruir sua capacidade de socialização (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 120)

Pensar esses recursos simbólicos é compreender que as linguagens, modos de narrativas e escrita sofreram alterações, é preciso pensar na quantidade de informação que esse jovem tem acesso e é papel das instituições educativas trazerem ao seio de sua construção o compartilhamento não apenas dos saberes tradicionais mas o conhecimento e experiências individuais assim com a cultura em suas mais diversas formas.

Com essa visão, saímos da ideia de uma escola que forma para entrar em uma instituição de nível superior ou de estudante que devem tirar notas boas, para uma escola que forma pessoas, que vão compor a sociedade ativamente, e que mesmo ainda jovens já possuem um papel no meio em que vivem.

Cicilia Peruzzo defende a partir das ideias de Paulo Freire uma comunicação como direito humano, a comunicação não é isolada, mas sempre acompanhada de uma ação. É possível através dela perceber o que está a sua volta para então ter o poder de transformar. A educação seria, portanto, através da comunicação uma forma de conscientizar e desenvolver a cidadania. O que nos leva a então pensar em uma educação dialógica, que prevê uma construção coletiva do indivíduo e seu conhecimento.

Essas relações subjetivas entendem

que o conhecimento advindo do modo coletivo e dialógico de atuar é a base

facilitadora da conscientização sobre a própria existência e realidade local, além de abrir caminhos para a construção de processos organizativos, comunicativos, comunitários e a criação de sistemas de informação (PERUZZO, 2017, p. 3)

Para compreender os discursos (re)produzidos no material resultado da oficina o método utilizado será a análise de conteúdo, para identificar características a partir dos conceitos de Dominação e Resistência. Para tal, vou explanar a seguir a partir de que base teórica cada conceito desse será abordado dentro das relações de poder.

RELAÇÕES DE PODER QUE PERMEIAM O AMBIENTE ESCOLAR

Tenho como ponto de partida o poder pensado por Michel Foucault (2017), que afirma o poder através dos micropoderes, este não toma uma forma única, mas se constrói a partir de relações, uma prática social que vem sendo tecida historicamente. Por essa razão o poder é exercido em vários níveis e maneiras diferentes na sociedade. E objetiva atingir o corpo social do indivíduo. Dessa maneira o Estado então não seria única fonte de poder da sociedade pacífica e suas decisões. Essa relação possui mútua reação de um corpo social sobre o outro.

Isso dentro do contexto escolar é visível quando se questiona se o professor, que possui ali um papel de dominador, estaria imune a resistência dos alunos quando estes, não prestam atenção no que é dito ou não fazem as tarefas, por exemplo, isso não seria a forma destes de resistir?

Mesmo que esses estudantes obedeçam ao sistema educativo, eles aceitam a relação imposta. O poder seria então como pensa Foucault algo que se exerce. Não que se detém, como fonte soberana, mais uma relação. Tanto a dominação como a resistência fazem então parte desses pontos moveis do poder dentro dessas relações.

Dominação e Resistência: perspectivas no ambiente escolar.

O controle do corpo, dos comportamentos, a disciplina, a docilização dos corpos, são vistos nas escolas tradicionais, principalmente na rede estadual de ensino que ainda entende a alfabetização como um conjunto de habilidades de ler, escrever e resolver problemas. Essa escola tradicional e seus comportamentos estruturais e disciplinares com normas de horários, vestimenta, postura e modo de ensinar são promovidos não apenas por seu regime regular, mas por comportamentos de gestores e professores. Uma prova disso são os livros didáticos

que fecham as discussões e que muito professores apenas o seguem ao longo do ano, sem relacionar as teorias a situações práticas e reais do dia a dia das alunas e dos alunos, e que ainda seguem um modelo disciplinar exigindo um espaço no qual os indivíduos possam ser vigiados, para medir suas qualidades e suas ações. Nesse modelo, a escola funciona como repressora, em que os atrasos, as faltas e as desobediências são punidos. Os grupos são separados por aptidões e realizam provas para qualificar e quantificar cada aluna e aluno. Esse sistema educacional é regido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que normatiza a educação a níveis básicos e superior e estipula uma educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, divididas em pré-escola, ensino fundamental e ensino médio de acordo com a idade da criança ou adolescente.

Além disso existe uma estrutura física, de cadeiras enfileiradas, que mantém a ideia panóptica discutida no livro *Vigiar e Punir* (2014) de Foucault na qual o ambiente “é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver: na torre central, vê-se tudo sem nunca ser visto.”(p. 195), e através de séries e classes e os alunos são separados o que facilita a vigilância e o controle.

Através dessa estrutura o professor é colocado na figura de autoridade máxima em sala de aula, não deve ser questionado e detém todo o conhecimento “(...) a sala de aula formaria um grande quadro único, com entradas múltiplas, sob o olhar cuidadosamente ‘classificador’ do professor” (FOUCAULT, 1977, p. 135). Criando assim um espaço hierárquico em que se estabelece a ordem do poder. Mas não apenas as escolas, mas também a religião, as prisões, os hospícios. Todas essas estruturas disciplinam através da vigilância, punição e controle e objetivam criar corpos dóceis para se adequar ao sistema sendo assim úteis para os mecanismos tanto políticos como aqueles econômicos. Segundo Foucault,

(...) o corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprio a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e ‘celular’, mas também natural e ‘orgânica’. (FOUCAULT, 1977, p. 141)

Esse controle, que também pode ser chamado de dominação, constrói-se através da recorrência de discursos que não vê o sujeito como centro desse processo educativo, mas sim que prevê a construção de um indivíduo funcional, que visa à conclusão das séries escolares exigidas pelo mercado de trabalho. Esse processo ignora a construção histórica de sujeito e suas peculiaridades. O que gera um certo constrangimento social, em que aquele aluno parece

abaixo do esperado pelo professor, um estudante insuficiente, “Para Bourdieu, os constrangimentos sociais exercem-se não somente no plano da razão, mas também no das ações cotidianas” (LUGLI, 2014, p. 777) o que pode ser visto quando uma aluna ou aluno não compreende o assunto tratado pelo professor e não expõe sua dúvida por medo do ridículo.

Uma forma de exemplificar essa dominação pode ser ao pensar a meritocracia que é base do sistema educacional, ela entende os estudantes como nivelados a partir das series que pertencem, e os classifica como bons ou não partindo de sistemas avaliativos. Essa lógica supõe que todos os estudantes têm as mesmas possibilidades, o que na prática não é real, esses discursos então segundo Miguel (2018) neutralizam as diferenças sociais e implantam uma lógica que pertence a uma classe dominante sob uma classe dominada.

A adesão automática, impensada e mesmo inconsciente às formas de ver o mundo que o reproduzem em sua forma atual é, para Bourdieu, o mecanismo central da dominação. Trata-se da violência simbólica original, aquela que faz com que os dominados estejam condenados a ver o mundo por meio de lentes que são fornecidas pelos dominantes. (MIGUEL, 2018, p. 76)

Para a professora e pesquisadora Denice Barbara Catani (2014) Bourdieu afirma que a ideia de uma educação que iguala e da oportunidade para todos não é real, ao contrário, ela pode reforçar essas desigualdades. Não seria então uma educação para todos, mas uma educação para separar aqueles alunos não se adequam ao sistema já imposto.

Essa dominação na maioria do tempo é subjetiva, entranhada no interior de um pensamento social e construção desse sujeito, ela é naturalizada de forma que o dominado aceita a dominância, pois esses discursos fazem parte dele também. Para ilustrar isso, vamos pensar na figura do professor, ele fica fisicamente separado das alunas e alunos, é colocado na frente da sala, geralmente ministra sua aula de pé e os estudantes sentados em fileiras paralelas olhando diretamente para a figura de autoridade na sala. Essa organização sugere um relação de poder em que “a imposição da vontade não necessitaria do uso da força ou da violência de forma explícita, e sim da mobilização do medo e do receio de perder algo valorizado.”(CAL, 2016, p. 91), Nesse caso, o aluno pode ser advertido, expulso ou mesmo exposto caso ele não esteja dentro do que o professor, dominador, tenha com aceitável para um comportamento dentro da escola.

Essa dominação pode ser reconhecida a partir do material produzido pelas alunas e pelos alunos através das frases de sua escolha, em que podemos encontrar temas como religião e ditos populares que também são maneiras de disciplinar. Diante do exposto é

possível ver então que “A dominação não é um ‘estado natural’, ela precisa ser reafirmada a cada momento – reafirmada e reinventada, pois a sociedade está em constante movimento e porque tendências opostas surgem sem cessar” (MIGUEL, 2018, p. 73). O que nos leva a próxima teoria base dessa análise: Resistência.

As tendências opostas à dominação surgem como ponto de reação nas relações de poder, que não serão unilaterais, visto que “onde há poder há resistência, e, no entanto, (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontrará em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 2018, p. 104). Diante de tal afirmação de Foucault é possível reconhecer a resistência nos processos do sujeito, resistências cotidianas e que podem muitas vezes passar despercebidas se comparadas as grandes mobilizações, mas que possuem um papel central nessa desconstrução do indivíduo dominado e proporcionam um olhar libertador. A resistência na educação se encontra na liberdade, nesse sujeito que se entende autor ativo na construção não apenas da sua história mais do seu ecossistema comunicativo.

Esse jovem passa então de receptor de informações para um sujeito que constrói criativamente seus processos, a própria proposta do projeto Tô Ligado é uma ferramenta de ruptura do processo tradicional e resistência frente ao dispositivo disciplinar. Ao dar a liberdade para o jovem escolher qual frase usar e como construir essa ilustração, propõe um espaço propício a resistência, que pode ser visto através de frases sobre luta e empoderamento. Um dos *letterings* analisado, por exemplo, feito por duas alunas, continha a frase “Lembre-se de olhar para as estrelas e não para seus pés”, frase que remete a uma reação de controle de si e através disso, resistência, essa construção empodera as meninas e ao leitor, que pode se ver como autor de sua própria história, posicionado de cabeça erguida diante do mundo. Essa seria então uma forma de resistência cotidiana. Uma negação dessa dominação social que por vezes diminui, constrange.

O que as formas cotidianas de resistência compartilham com as confrontações públicas mais dramáticas é, naturalmente, o fato de serem voltadas a mitigar ou rejeitar demandas feitas pelas classes superiores ou levar adiante reivindicações com relação a tais classes[...] Onde a resistência cotidiana se distingue mais evidentemente de outras formas de resistência é em sua implícita negação dos objetivos público e simbólicos. (SCOTT, 2011, p.223)

A educação dialógica proposta por Paulo Freire (2018) é resistência, os educandos assumem papel central e já não mais são comandados por mitos e pela publicidade organizada. O autor entende que a educação é uma prática para liberdade e passa então de

algo externo para um processo de construção do sujeito. Dando assim vida ao pensamento, uma construção criativa. Uma educação não pelo medo, pelo constrangimento, pelos sistemas avaliativos, ou pela docilização dos corpos, mas uma “educação que levasse em consideração os vários graus de poder” (FREIRE, 2018, p. 80) e que constrói espaços na diferença.

Essa educação proposta por Freire (2018) tem como objetivo educar para a decisão, para a responsabilidade social e política. Através disso educara para resistir a civilização industrial que pensa esse educando como parte da engrenagem apenas. Tirando o homem e mulher da posição quietista e da verdade comum e estimulando-os a investigação, inquietude, criticidade e conseqüentemente maior racionalidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O foco dessa análise será o conteúdo produzido pelas alunas e alunos, mais especificamente as frases categorizadas a partir dos temas nelas contidos. Para tal será realizada uma análise de conteúdo que segundo Bardin se trata de

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

O conteúdo que será analisado produzido em folhas de papel A4 durante a oficina já citada, foi construído pelos alunos, através da escolha de frases feitas por eles e utilização opcional de lápis de colorir e canetinhas, todo esse material foi recolhido e categorizado em uma tabela, todas as frases foram transcritas e aquelas que possuíam desenhos foram descritos, informações como sexo, turma e utilização de cores foram observados de modo secundário, tendo em vista que o foco dessa análise eram as frases das alunas e dos alunos.

Duas informações contidas nos *letterings* foram principal ponto de análise, primeiro qual tema era retratado nas frases, destes temas foram observados principalmente:

- a) Vida
- b) Educação
- c) Sentimentos (amor, amizade, raiva, solidão, etc)
- d) Religião

- e) Atitudes
- f) Motivação
- g) Luta
- h) Sexualidade/Gênero
- i) Cultura Popular/ Música/ Filme/Poesia
- j) Raça
- k) Empoderamento

E após essa categorização foi perguntado a cada frase se esta retratava sinais de dominação ou de resistência partindo dos conceitos trabalhados pelos autores citados anteriormente.

No próximo tópico será possível visualizar como esses temas se enquadram na análise proposta e como é possível identificar indícios de dominação e resistência na produção desses estudantes

REPRESENTANDO AS FORMAS DE PODER EM LETTERING

A liberdade na construção do lettering retrata os processos dos sujeitos através da sua representação de mundo. As frases escolhidas por eles vêm do que Bordieu denomina como seu capital cultural, são bagagens construídas a partir de sua família, amigos, escola e relações, relações essas que permeiam as relações de poder. É preciso ressaltar que a sociedade brasileira é uma sociedade em transição:

A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. (FREIRE. 2018. p.55)

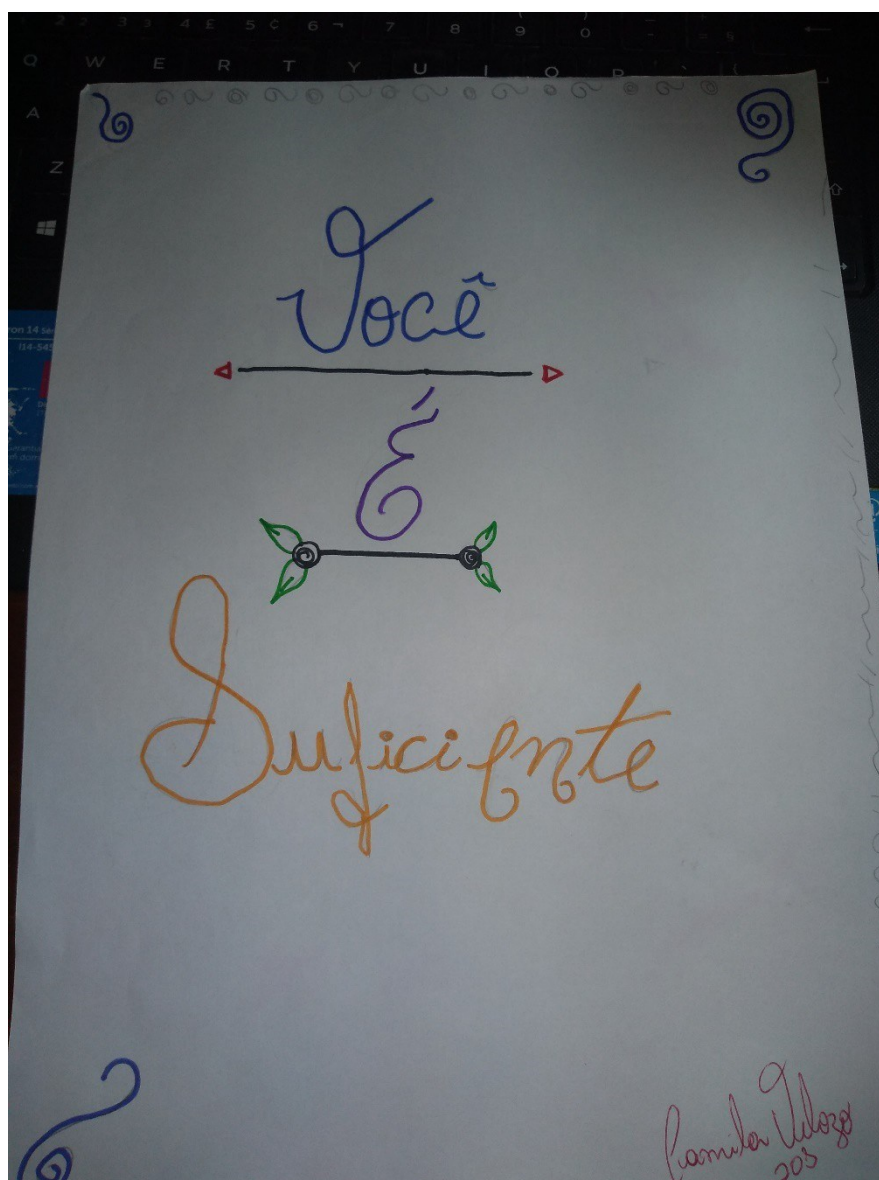
Essa ação, parte de uma mudança de pensamento, um pensamento resistente. O sujeito hoje é fluido, bombardeado de informações e construído através de várias experiências. Os discursos de resistência se reforçam pela solidariedade, pela construção coletiva de conhecimento.

Mesmo em uma sociedade cheia de cobranças e estereótipos, cada vez mais uma

sociedade da imagem e do espetáculo, quando uma jovem da periferia afirmar “Você é suficiente” (imagem 1), ali existe resistência através da solidariedade e ruptura de uma ditadura social em que a mulher precisa estar dentro de um padrão e acompanhada.

Imagem 1: *Lettering* produzido pelo aluno participante da oficina

Fonte: Acervo da autora



Muitas alunas e alunos quando estimulados a produzir, buscaram frases nos seus celulares conectados à internet para inspiração e construção dos seus *letterings*. Frases que de certas formas eles se identificaram, se enxergaram e representam sua visão de mundo. Para compreender os processos de dominação e resistência é preciso olhar esse sujeito múltiplo.

Na contemporaneidade, contudo, o imperativo vigente passou a ser a transformação permanente por ação do próprio indivíduo, o que significa que já não se trata de um sujeito que se define em meio a identidades fixas para reconhecer um lugar no campo social, senão um sujeito de identidades móveis e flexíveis que se autoproduzem permanentemente através da operação de técnicas que ele pode escolher. (FREITAS, 2018, p. 19)

Existe ainda outro conceito que é importante trazer para tecer esse diálogo entre dominação e resistência. A hegemonia se trata dos discursos recorrentes que estabelecem a ordem e disciplina, o estudante, por exemplo, tem que lidar com um conjunto composto por avaliações, classificações e organização não apenas de espaço, mas do seu próprio corpo.

O conceito de hegemonia, presente o livro do Luis Felipe Miguel, compõe uma importante base para compreensão desses processos discutidos neste artigo, pensar esse jovem, que tem na escola uma fonte de construção do seu eu, mas é importante ressaltar que essa construção não se dá apenas no que ele aprende na escola e em suas relações ali dentro, mas é um construção a partir da hegemonia:

Que engloba os mecanismos pelos quais a reprodução da ordem vigente é assegurada. Tais mecanismos envolvem a produção do consenso, seja por meios ideológicos, seja por concessões materiais, mas também a possibilidade de exercício de coação. O elemento de violência, atuante ou latente na disputa política, não é deixado de lado em sua formulação. (MIGUEL, 2018, p. 23)

Esse sujeito produz subjetividades, e é exatamente essa subjetividade produzida nos *letterings* que vou analisar aqui. Ao todo foram 50 produções, dentre elas 36 possuem uma clara manifestação de dominação ou resistência a partir dos temas tratados. Como será possível visualizar na tabela a seguir:

Tabela 1: Recorrência de dominação e resistência nos *letterings* produzidos pelas alunas e alunos.

Relação de poder	Temas	Quantidade
Dominação	Sentimentos Educação Vida Religião Cultura Popular	14
Resistência	Luta Sentimentos Vida Cultura popular Música Educação Gênero Sexualidade Raça Poesia Atitudes Empoderamento	22

Fonte: Material produzido na oficina do projeto Tô Ligado

A categorização entre dominação e resistência parte dos temas abordados e de que modo esse sujeito se coloca no processo, uma das características observadas a foi a grande presença de enquadramentos dentro da meritocracia. Alguns jovens compreendem que basta o esforço para alcançar objetivos, como na seguinte frase presente em um dos *letterings* “O verdadeiro sucesso nasce do esforço”, porém que preciso salientar que a meritocracia é “O resultado é um modelo engenhoso – mas pouco convincente – em que a possibilidade de alcançar o sucesso seria sensível às escolhas, mas não às circunstâncias externas ao sujeito.” (MIGUEL, 2018, p. 25)

Quando uma aluna ou um aluno entende que as oportunidades deles são iguais as dos outros, é o mesmo que supor que eles têm os mesmos recursos que uma aluna ou um aluno de ensino particular, que tem aula todos os dias, atividades extracurriculares, métodos de aprendizado diversificado isso olhando apenas a questão do ensino, mas existe também pontos como alimentação, acesso a cultura e informação, locomoção, estrutura familiar, apoio emocional, todos esses fatores que estão intimamente ligados ao processo de aprendizagem e que são diferentes para classes sociais diferentes tornam a afirmação do aluno um sinal de dominação, que de onde ele observa, reproduz o discurso que “basta se esforçar” ignorando as diferenças sociais de sua realidade. Tudo isso é construído não apenas na escola, mas no

capital cultural desse jovem. O que se reforça na fala de Freire:

O conhecimento não se *estende* do que julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem- mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica da realidade (Freire, 1977, p. 26).

O autor pensa uma educação libertadora é compreender que “Todo o aprendizado deve encontrar-se intimamente associado á tomada de consciência da situação real vivida pelo educando” (FREIRE, 2018, p. 11) e é exatamente por isso que para a resistência os estudantes “Precisam apenas deixar de agir, isto é, parar de obedecer” (MIGUEL, 2018, p. 69) e refletir sobre sua condição, sobre seu lugar no mundo.

Frases de luta, atitude e empoderamento foram as mais recorrentes entre as produções dos alunos, ao todo 21 *letterings* traziam as temáticas como forma de resistência como é possível ver na seguinte produção:

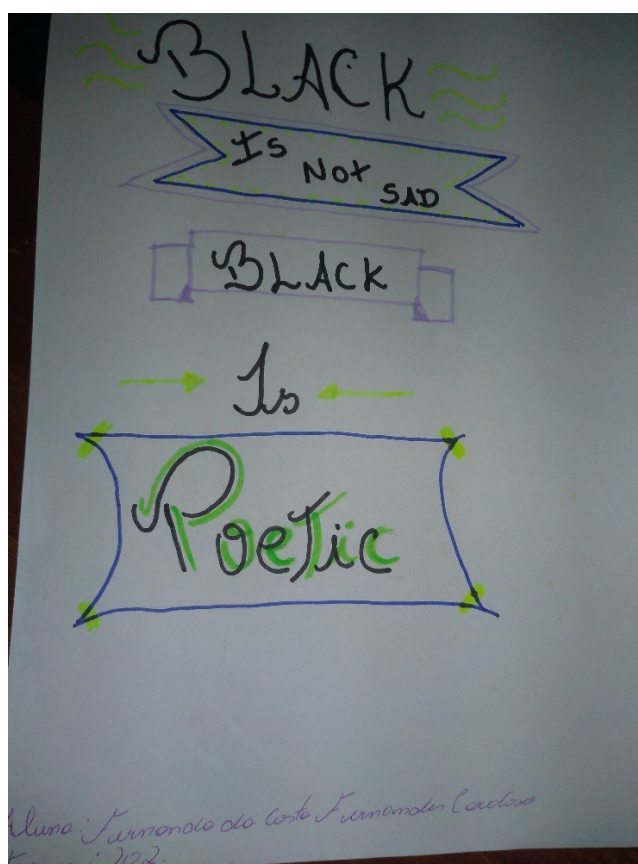
Imagem 2: *Lettering* produzido pela aluna participante da oficina



Fonte: Acervo da autora

Tanto a dominação como a resistência podem estar presentes no processo educativo, quando uma aluna ao fazer seu *lettering* escreve “A crise da educação no Brasil não é uma crise é um projeto” ela está consciente da importância da educação e dos processos políticos que envolve, assim como um aluno negro que escreve “Black is not sad black is poetic” (Preto não é triste preto é poético) se apropriou criativamente de discursos reproduzidos e os reescreveu. Como é possível ver na imagem a seguir.

Imagem 3: *Lettering* produzido pelo aluno participante da oficina



Fonte: Acervo da autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação dos *letterings* produzidos me levou a reflexão quanto aos processos de dominação e resistência dentro do ambiente escolar. Foi possível notar que o mesmo espaço, a escola, é significado e ressignificado a partir das alunas e alunos, que podem incorporar discursos já existentes, mas que também resistem a partir de suas próprias ideias e construção

de mundo.

Vejo então na escola o potencial para transformações significativas principalmente no modo de pensar esse sujeito, que construído de suas relações sociais de poder, pode ou não compreender o lugar que ocupa e indo além escolher ocupar outros lugares. A educação precisa ser uma troca de conhecimentos em que o aluno sinta liberdade de se expressar e que a aula seja um processo de constituição e não apenas absorção de conteúdos pré-estabelecidos, mas que exista liberdade para discussões em sala sobre assuntos que possam ser ligados ao dia a dia deles.

As resistências cotidianas têm uma fundamental importância quando se olha a escola, é o local que o indivíduo passa em geral no mínimo 12 anos de sua vida, fora o seio familiar, é o espaço de maior construção desse sujeito, e por que não ser um espaço que constrói para a libertação?

A escola é hoje um dispositivo de docilização dos corpos, mas e se no lugar disso tivéssemos uma educação como já diria Freire para a liberdade? Ao olhar essas produções de alunas e alunos, vejo um especial potencial para tal mudança. Acredito que seja preciso então de alternativas criativas que ajudem nesse processo de empoderamento do sujeito, ainda jovem, para não apenas a absorção de conteúdos pré-estabelecidos para cumprir uma grade escolar mínima exigida, mas uma educação criativa que estimule e permita a reflexão e a apropriação desse aluno ou aluna para além dos muros da escola.

REFERÊNCIAS

CAL, D. **Comunicação e Trabalho Infantil Doméstico**: política, poder, resistências. Salvador: Edufba/Compós, 2016

CATANI, Denice Barbara. **A educação como ela é**. In: Bourdieu pensa a educação [livro eletrônico]: a escola e a miséria do mundo / Julio Groppa Aquino, Tereza Cristina Rego (organizadores). – São Paulo: Editora Segmento, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Manoel Barros da Motta (Org.). Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3.



FOUCAULT, Michel, **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977

FOUCAULT, Michel, **Sobre a história da sexualidade in Microfísica do poder**. Paz & Terra. Rio de Janeiro, 2015.

FREITAS, Alexendre Simões de. **Virada Geontilógica e Corpos em Fluxo: Educar para alél do Governo da Vida e Não-Vida**. In: Michel Foucault a arte neoliberal de governar e a educação. / org. Haroldo de Resende - São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes/Cnpq.2018

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

LUGLI, Rosario S. Gentra. **A construção social do indivíduo**. In: Bourdieu pensa a educação [livro eletrônico]: a escola e a miséria do mundo / Julio Groppa Aquino, Tereza Cristina Rego (organizadores). – São Paulo: Editora Segmento, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação** São Paulo, Contexto, 2014.

MIGUEL, L.F. **Dominação e Resistência: desafios para uma política emancipatória**. São Paulo: Boitempo, 2018.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária**. Revista Famecos mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 24, n. 1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2017.

SCOTT, James C. **Exploração normal, resistência normal**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, DF, n. 5, jan/jul. 2011, p. 217-243.